

THOUGHT

Museu
Arte
Arquitetura
Tecnologia

Daniel BLAUFVUS

o dia

está numerado

"Um diário é também um acto de resistência."

Daniel Blaufuks

"Criamos o tempo e logo nos sentimos cercados e devorados por ele. A memória é uma traição ao tempo. Tentamos, desde sempre e sem sucesso, fugir-lhe, anular o trabalho de erosão dessa água escura que corrói por dentro as estátuas de sal das nossas vidas, das nossas obras, das imagens que temos do mundo."

João Pinharanda, no livro *Os Dias Estão Numerados*



Daniel Blaufuks

os dias estão numerados, 2024

Tinta e fotografias instantâneas coladas sobre papel;
21 x 29,7 cm

Daniel Blaufuks tem trabalhado sobre a relação entre a memória pública e a memória privada, um tema que é uma das constantes interrogações no seu trabalho como artista visual, recorrendo principalmente à fotografia e ao vídeo e apresentando-o em instalações, livros e filmes. Em 2007, publicou *Sob Céus Estranhos* (Tinta-da-china) – baseado no seu filme de 2002 com o mesmo título –, que lhe valeria o prémio de melhor livro de fotografia na PhotoEspana. Foi também premiado em 2007 pelo seu trabalho sobre um campo de concentração na República Checa, também apresentado no livro *Terezín* (Steidl, 2010) e no filme

As If (2014). Em 2016, recebeu o prémio AICA pelas exposições *Tentativa de Esgotamento e Léxico*. Mais recentemente, publicou *Não Pai* (Tinta-da-china, 2019) e *Lisboa Clichê* (Tinta-da-china, 2021). É doutorado pela University of Wales, com uma tese sobre fotografia e cinema em relação com as obras de W. G. Sebald e Georges Perec, e com os temas da memória e o Holocausto. Os seus filmes – “fotografias expandidas” – têm sido apresentados em diversos festivais de cinema e os seus trabalhos mais recentes abordam a resistência à ocupação alemã na Bretanha e o colonialismo em São Tomé e Príncipe.

A traição do tempo

Este diário é exemplo maior da tarefa que Daniel Blaufuks cumpre em todos os seus trabalhos de fotografia e vídeo anteriores ou paralelos. Em simples folhas A4, colocadas ao baixo, o artista numera os dias/anos que vão passando. Cola nelas fotografias instantâneas (raramente mais do que uma ou duas por página), alguns recortes de jornais e revistas, e manuscreeve ou carimba, nas línguas que melhor domina (inglês, alemão, português, francês), algumas frases (muitas vezes suas, ou então citadas sem referência à autoria ou origem). Raramente estes diferentes elementos se relacionam segundo lógicas explicativas – a autonomia de cada um é apenas condicionada pela composição visual, e cada “dia” impõe uma marcada liberdade poética onde o poder da palavra escrita sustenta, muitas vezes, a banalidade repetitiva das imagens.

Criámos o tempo e logo nos sentimos cercados e devorados por ele. A memória é uma traição ao tempo. Tentamos, desde sempre e sem sucesso, fugir-lhe, anular o seu trabalho de erosão. Daniel Blaufuks que, transportando consigo e expondo ao mundo o peso de múltiplos tempos e memórias (familiares, pessoais, históricas, políticas, culturais, ...), participa dessa tarefa de Sísifo.

A elaboração do diário (iniciado em maio de 2018 e de que aqui se expõe o ano de 2023, alguns dias de anos anteriores e, ainda, os primeiros meses de 2024) passou a ser, segundo Daniel Blaufuks, tarefa de uma vida. Expondo a sua memória, cruzam-se os seus dias e os dias do mundo. O artista reage ao que o rodeia lutando contra a voraz corrida do tempo sobre as coisas. Se não anula, pelo menos retarda o tempo, adiando o apagamento das coisas; mas é significativo que nomeie esta obra como um “não-diário”, e que se refira a “não-retratos” quando fala dos rostos de alguns dos interlocutores que fixa nessas páginas. Esta dupla classificação negativa é uma confissão de impotência que expõe a inevitável contradição de todos os registos de memória – a de que o seu destino é o esquecimento.

Na inexorável contabilidade produtivista do tempo (essa máquina trituradora de vidas), “os dias estão numerados”; mas o que neles se passou ou o que deles Daniel Blaufuks retém fica reduzido a uma imagem sem identidade, a uma frase “sem sujeito” ou a um facto (pessoal ou coletivo) sem contexto. Perdendo, muitas vezes quase imediatamente, o valor de um testemunho situável numa linearidade historicista, essas imagens integram um processo de amnésia coletiva e programada. Individualmente ou em conjunto, as páginas deste diário afirmam-se antes como uma sucessão de estados de espírito perante a manifestação do eterno retorno das coisas, das estações, dos lugares, dos factos... Face à previsibilidade dos cenários domésticos, marcados pela repetitiva presença de uma mesa e de uma janela, onde o rodar da luz marca as horas e o declinar das flores os dias; perante o carrossel vertiginoso das suas viagens, entre a banalidade das guerras e injustiças e o assinalar de alguns factos políticos e culturais mais notáveis, assistimos à morte inexorável de amigos seus e de heróis, ao despertar dos nenúfares no jardim, à exposição fantasmática do artista.

Daniel Blaufuks
os dias estão numerados
17/07 - 07/10/2024

Curador
João Pinharanda

Produção
Ana Fryxell

Coordenação editorial
Nuno Ferreira de Carvalho

Design gráfico
Claudia Lancaster

Tradução
Per Christopher Foster

Revisão
Manuel Alberto Vieira

Agenda

Masterclass com Daniel Blaufuks,
seguida de conversa na exposição
com João Pinharanda:
05/09/2024, 15.00 e 18.30

Publicações

Por ocasião da exposição, é publicado
o livro *Os Dias Estão Numerados*.
À venda na loja do museu.

Siga os canais do museu para mais
informações.



guia de visita



Mecenas MAAT



MAAT - Museu de Arte,
Arquitectura e Tecnologia
Av. Brasília, Belém
1300-598 Lisboa

+351 210 028 130
+351 210 028 102
maat@edp.pt

Mais informações
e outros conteúdos
maat.pt
ext.maat.pt

  
@maatmuseum
#maatmuseum

17/07/2024 → 07/10/2024

